

A LINHA E O LUME

(SOBRE EVANDRO CARLOS JARDIM)

CLAUDIO MUBARAC

**THE LINE AND THE LIGHT
(ON EVANDRO CARLOS JARDIM)**

**LA LÍNEA Y LA LUZ (ACERCA DE
EVANDRO CARLOS JARDIM)**

Em seu Memorial Descritivo da Tese de Doutorado, apresentada ao Departamento de Artes Plásticas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, orientada por Walter Zanini, em 1989, podemos ler logo na apresentação, situando o trabalho a ser coletado e desenvolvido:

Considerar a matéria gráfica contestada do ponto de vista de sua “razão prática” e apreciá-la pela experiência, é o que se propõe neste trabalho. A gravura com seus atributos expressivos e de linguagem, as desejáveis relações de equilíbrio entre as técnicas e construção plena da imagem, sua “força inventiva”, a procura enfim de sua expressão; a qualidade da prova gráfica como meio de conduzir uma intenção, uma ideia, sem deixar de analisar a importância e a disponibilidade de seus procedimentos neste processo. A exposição de um projeto e suas possibilidades de consecução. (Jardim, 1989, p. II)

E segue mais adiante:



Estes estudos recolhidos inicialmente das anotações escritas e desenhadas em sucessivos cadernos de campo, serviram para compor assim e aos poucos o corpo gráfico de um único projeto amplo e aberto: a tentativa de figuração e transfiguração de um lugar; seus diferentes registros de luz, sua espacialidade e temporalidade, um esforço de apreensão de sua atmosfera. A montanha e o mar tomados e entendidos como seus limites simbólicos e a distância, um dado da paisagem, como referências de qualidade entre figuras diferentes de natureza diversa.

A própria paisagem como objeto de constante mutação, fonte extraordinária de movimento, e o traçado intuitivo de seu perfil. O desenho e a gravura como os meios de construção, examinados como método de trabalho.

As sequências de figuras gravadas e editadas sucessivamente a partir de então, estão todas relacionadas ao tema. Seguindo sua cronologia, as mais diretamente ligadas ao plano da exposição estão, em resumo, descritas e assim dispostas segundo sua expressão de caráter particular. (Jardim, 1989, p. III)

Depois disso, passa a enumerar as sequências que irão compor os registros escritos, desenhados e gravados, e a exposição, como “Interlagos Luz e Sombra – a noite e o dia”, “Figuras da margem”, “Figuras”, “Figuras jacentes”, dentre outras, sendo que a tese tem como corpo indissolúvel as anotações escritas, os desenhos e gravuras a serem expostos.

Atitudes como esta, de Evandro Carlos Jardim, são pedras fundamentais na construção da então ainda nova área nos Programas de Pós-Graduação da ECA/USP, neste caso, a de Poéticas Visuais.

Como alguém que foi aluno de Evandro e presenciou o desenvolvimento da tese, e antes o de seu mestrado também, “Procedimentos da gravura em metal”, pude testemunhar a fabulosa integridade do que foi apresentado e defendido, com as experiências proporcionadas por sua docência e sua produção artística. O que me faz, passados tantos anos, retomar o fio da meada dessa linha de ação que sedimentou, para mim e tantas outras pessoas, experiências fundantes, retomando alguns princípios por elas gerados, sem a pretensão de ter as respostas para o que eles indagavam e ainda indagam.

■ 2

O que o desenho documenta? O que fica e o que nos escapa entre o traço, pensado como detrito material da linha, essa sim, pura entidade projetiva, e o que se tornou ausência? Seria a linha o lume de uma trajetória?

Essas são algumas das perguntas às quais o desenho e a gravura e, aqui em particular, o desenho de Evandro Carlos Jardim procuram responder.

Esse desenho, desde muito cedo em sua obra e até hoje, encara ao mesmo tempo uma fisicalidade cotidiana com que se confrontar e as muitas dimensões reflexivas que engendram. Apagam-se distâncias muito extensas entre investidas à chamada realidade, e o que há nela de palpável e viscoso, e dúvidas metafísicas. A noção de experiência que esse desenhar em sua práxis inicia é consequência e causa da instauração de sua invenção poética. Num mesmo gesto, essa invenção fabrica o destino, os sinais e os signos dessas imagens que quer fazer vigorar e excede à linha, como a luz excede os corpos refletores.

As imagens nunca estão no presente. No presente está o que elas representam. Assim, são instrumentos preciosos e eficazes para o resgate da memória, numa convivência tensa com as complexidades que suas relações com a história esboçam. Este, a meu ver, é ponto focal na leitura do trabalho de Evandro.

As figuras e as paisagens são coletadas a partir de um rio imenso. Amazonas, São Francisco, Pinheiros, Tietê, Nilo, Yangtze, Mississipi, Ob, Congo, Paraná, Mekong, Níger, Volga, Danúbio,

Ganges, Tigre, Eufrates, e o grande rio mítico/geográfico passa a ser o veio privilegiado, arterial e venoso a um só tempo, das andanças do artista pelos lugares de sua obra e de seu destino de desenhador.

Desenho e paisagem, desenho e transmissão, conhecimento instrumental, navegação e invenção são fundamentos de sua poética. Desenhos do jacente, desenhos das medidas – a distância como qualidade – e espacialidade animista e luminista configuram as chaves comutáveis do desenhista em sua ação, que parece afirmar a impossibilidade de desenhar o espaço, lugar dos acontecimentos, sem antes mapeá-lo, ou de mapeá-lo, sem antes habitá-lo.

Nesse sentido, herda o desenho moderno, fotografado por Brunelleschi com o aparato da praça perfeita, o desenho como cartografia e/ou anatomia do espaço, somado à ideia mais puramente jardiniana de paisagem materna: aquela que se constrói quando o de fora nos habita, no mesmo instante em que o interno se espraia em nossa vista de campo. Sem nunca, há que se notar, desprezar nenhuma das experiências dos desenhistas de todos os tempos e lugares.

Assim, o olhar de Evandro Carlos Jardim sobre a paisagem, sobre as coisas e os seres, como na iminência de uma revelação, nos antepõe e dissolve aporias. Aqui, estão o documento e

o monumento, o papel milimetrado e um sismógrafo tosco e leve com mina de chumbo; projeto e intuição, política e afeto: o estilo como decorrência de nossas limitações.

Esses desenhos são registros intuitivamente medidos, são construções e lugares das figuras da paisagem, da linha como lume, da luz como suave e atritosa corrosão.

REFERÊNCIAS

JARDIM, Evandro Carlos Frasca Poyares. Zanini, Walter (orient). **Reflexões sobre a prática da gravura em metal.** São Paulo, 1989. 82p.

SOBRE O AUTOR

Claudio Mubarac é professor titular de desenho e gravura na Graduação e Pós-Graduação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Lecionou gravura e desenho na FAAP e foi orientador do Ateliê de Gravura do Museu Lasar Segall, cuja coordenação assumiu a partir de 1989. Sua obra integra vários acervos, como na Pinacoteca do Estado de São Paulo, MAM-SP e MAM-Rio, MAC-USP, Museu Nacional de Belas-Artes, Gabinete de Estampas da Biblioteca Nacional da França, Biblioteca de Alexandria, dentre outros. Realizou mais de 160 exposições a partir de 1980, individuais e coletivas, dentro e fora do Brasil. Recebeu bolsas de estudo de instituições como Tamarind Institute, Estados Unidos (1993); London Print Workshop, Inglaterra (1994); Civitella Ranieri Center, Itália (1996) e Cité Internationale des Arts, França (1999). Realiza curadoria de mostrar como “O desenho estampado: a obra gráfica de Evandro Carlos Jardim” (2005), que recebeu o Prêmio Bravo de melhor exposição do ano, “Valongo: xilogravuras de Fabrício Lopez” (2009), “Gilvan Samico: primeiras estórias” (2013), para o Centro Universitário Maria Antônia (USP) e “Goeldi/Jardim: a gravura e o compasso” (2015/2016), para o MAC.

Artigo recebido em
25 de agosto de 2023 e aceito em
6 de setembro de 2023.